



.....

COLEÇÃO  
HESPÉRIDES  
FILOSOFIA/CULTURA

**08**

.....

.....

# FUTURO INDEFINIDO

Ensaio de Filosofia Política

.....

**João Cardoso Rosas**

**h&mus**



## **ÍNDICE**

7	<b>Prefácio</b>
11	<b>I - A Filosofia Política e o futuro indefinido</b>
29	<b>II - O pluralismo da justiça</b>
43	<b>III - Justiça social e igualdade de oportunidades</b>
59	<b>IV - Liberdade e justiça social</b>
73	<b>V - A justiça na sociedade aberta</b>
87	<b>VI - Democracia e anti-liberalismo</b>
105	<b>VII - Engenharia social e crítica da justiça distributiva</b>
123	<b>VIII - A má consciência da Filosofia Política</b>

## PREFÁCIO

ESTE LIVRO COMEÇA POR COLOCAR A QUESTÃO «O QUE É A FILOSOFIA POLÍTICA?». No primeiro capítulo, o leitor poderá constatar que a resposta a essa pergunta denota uma visão em boa parte tributária de pensadores como Karl Popper – assim como de outros *émigrés* da Europa central em Inglaterra – e, sobretudo, de John Rawls, juntamente com muitos dos seus comentadores e continuadores. Por isso mesmo os capítulos subsequentes tratam de conceitos centrais na obra desses autores, como os de justiça, sociedade aberta, igualdade de oportunidades, liberdade, democracia, engenharia social, etc.

Os ensaios aqui oferecidos ao leitor são pois uma porta de entrada para alguns dos temas mais centrais na reflexão filosófica contemporânea sobre a política. No entanto, eles não constituem uma exposição didáctica que vise dar uma panorâmica das contribuições do pensamento contemporâneo para a reflexão sobre esses temas. Os textos apresentados não aspiram a nenhuma exaustividade nem neutralidade teórica – coisa que, de resto, é de duvidosa existência. Pelo contrário, eles patenteiam uma forma particular de fazer Filosofia Política e algumas filiações teóricas específicas, mas também uma descolagem crítica em relação a qualquer paradigma de autoridade e uma consequente assunção de posições próprias.

No cômputo geral, as ideias aqui propostas apontam para a aceitação da «contestabilidade essencial» (na expressão de Gallie) dos conceitos políticos. O trabalho de conceptualização que os pensadores políticos levam a cabo poderá até encontrar plataformas de entendimento mínimo, mas isso não obsta ao desacordo normativo que necessariamente existe a partir do momento em que se procura desenvolver ou especificar as diferentes concepções de um determinado conceito (igualdade de oportunidades, liberdade, sociedade aberta, engenharia social, etc.). Por outras palavras: pode gerar-se algum acordo sobre conceitos básicos e as suas propriedades descritivas fundamentais, mas não sobre as diferentes concepções desses conceitos.

Uma parte da Filosofia Política contemporânea, incluindo os dois autores mais invocados ao longo destas páginas, tende a pensar que o desacordo normativo afecta sobretudo as mundividências ou doutrinas abrangentes dos indivíduos, mas não – ou pelo menos não tanto – as concepções ou princípios básicos de uma sociedade bem ordenada. Na perspectiva sustentada nestes ensaios, porém, o pluralismo é muito mais profundo – *it goes all the way down*, como diria Berlin – e afecta também o trabalho de conceptualização política. No entanto, na nossa interpretação – e este aspecto é da maior importância – o pluralismo não impede a discussão razoável e mesmo a afirmação da superioridade de uma dada interpretação de um conceito em relação a outra, ainda que essa superioridade se inscreva no domínio da «opinião acompanhada de razões» e não no registo do conhecimento certo e inquestionável.<sup>[1]</sup>

A maior parte dos ensaios desta colectânea são originais; outros são traduções ou revisões de publicações anteriores. O capítulo I surge aqui pela primeira vez e desenvolve uma comunicação, muito mais breve, apresentada na Universidade Nova de Lisboa, em 2007, num colóquio para o qual fui gentilmente convidado pelo Prof. Diogo Pires Aurélio, assim como uma pequena parte de um relatório de concurso para professor associado na Universidade do Minho. O capítulo II é também original e resultou de uma comunicação, apresentada em inglês, no

<sup>1</sup> Numa obra recentemente publicada e mais panorâmica explicámos isto mesmo a propósito da conceptualização da justiça: v. João Cardoso Rosas, *Concepções da Justiça*, Lisboa, Edições 70, 2011, especialmente o Capítulo I.



colóquio de homenagem a John Rawls, na reitoria da Universidade de Lisboa, em 2003. Agradeço ao Hugo Chelo a tradução deste texto para português. O capítulo III apareceu inicialmente na revista *Diacrítica*, em 2003, e é publicado aqui em versão revista. O capítulo IV é inédito e resultou de uma apresentação oral ao 3.º Encontro Nacional de Professores de Filosofia, na Escola Maria Amália Vaz de Carvalho, em 2005, a convite da então presidente da Sociedade Portuguesa de Filosofia, Prof.<sup>a</sup> Sofia Miguéns. O capítulo V foi apresentado oralmente, em inglês, na Academia das Ciências da República Checa, em Praga, em 2007, no quadro de uma conferência sobre o legado de Popper, sendo aqui publicado pela primeira vez. Agradeço à Marta Nunes da Costa a tradução preliminar desse texto para português. O capítulo VI é também inédito e foi apresentado no Seminário d'Óbidos de 2008, no qual fui convidado do Instituto Português de Relações Internacionais. Uma versão em inglês do capítulo VII foi publicada na *Diacrítica*, em 2004, surgindo aqui pela primeira vez em língua portuguesa. O capítulo VIII, aparecido na mesma revista no longínquo ano de 1992, marca o início de um percurso intelectual que este livro encerra – daí a sua inclusão apenas com pequenas alterações. Agradeço à Catarina Ermida o apoio que me prestou no processamento e revisão dos dois últimos textos.

Não posso terminar sem agradecer também aos membros do Grupo de Teoria Política, do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Em poucos anos, eles conseguiram transformar uma periferia geográfica num centro intelectual que atrai cada vez mais investigadores, nacionais e estrangeiros, para cursos, seminários e conferências nos domínios da Ética e da Filosofia Política. O Grupo discutiu em seminário fechado o primeiro capítulo desta obra e estou especialmente grato à Mihaela Mihai que desempenhou nesse dia, com o brilho habitual, o ofício da crítica.